

Arnaud
974

CONSELHO NACIONAL DE PESQUISAS
INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA
BOLETIM DO MUSEU PARAENSE EMILIO GOELDI
NOVA SÉRIE
BELÉM — PARÁ — BRASIL

ANTROPOLOGIA Nº 49 6, OUTUBRO, 1971

CEDI - P.1.B.
DATA 23/06/86
COD. 17 D05

A AÇÃO INDIGENISTA NO SUL DO PARÁ (1940-1970) (*)

EXPEDITO ARNAUD (**)
Museu Goeldi

A região acima referida, situada entre 1-50° de Lat. Sul e 49-58° de Long. Oeste, abrangendo as bacias dos rios Tocantins, Xingu e Tapajós, apresentava-se, pela década de 1940, como uma das mais violentas áreas de conflito entre índios e frentes de penetração nacional, estas representadas sobretudo por extratores de borracha e castanha-do-pará. Agravavam a situação as expedições punitivas enviadas contra os índios, os quais, em revide, atacavam não só aqueles extratores como atingiam pequenos núcleos de povoamento e Postos do S.P.I.

Os Akuawa-Asuriní, então confundidos com os Parakanán, incursionavam desde o lugar Joana Peres até a Estrada de Ferro Tocantins (margem esquerda do rio), cujas turmas de conservação somente atuavam protegidas por guardas armados. Os Asuriní do Bacajá (afluente margem direita do Xingu), embora com menos freqüência, costumavam entrar em choque com seringueiros estabelecidos pelas imediações. Os Parakanán efetuavam pilhagens ao longo daquela ferrovia e também no Posto do S.P.I., situado no cruzamento do Km 67 com o rio Pucuruí. Os Gaviões atacavam a partir dos limites do Pará com o Maranhão até confronte a cidade de Tucuruí (margem direita do Tocantins). Os Dióre-Xikrín (Kayapó), além de hos-

(*) — O presente trabalho foi elaborado em função de um projeto de pesquisa relacionado aos problemas originados pelos contatos havidos entre populações indígenas e frentes de expansão nacional. Constituiu subsídio para a confecção do Plano de Apoio FUNAI/Transamazônica, verificada em janeiro de 1971. No momento é apresentado com alguns acréscimos e retificações, que não afetam seu conteúdo básico.

(**) — Bolsista do Conselho Nacional de Pesquisas.

utilizarem constantemente os Asuriní do Bacajá, causavam pânico na região compreendida entre o rio Itacaiunas (afluente margem esquerda do Tocantins) e os campos do Araguaia. Os Kubén-Kran-Kegn e os Kokraimôro (Kayapó), encontravam-se em luta com os seringueiros do médio Xingu. Os Menkranotíre e os Txukahamã-Metuktíre (Kayapó) dominavam uma extensa área situada entre o rio Iriri (afluente do Xingu) e Tapajós. Os Kararaô (Kayapó), cindidos em dois bandos, incurSIONAVAM no médio Iriri e baixo Xingu. Os Suruí-Mudjetíre, situados no rio Sororó (afluente do Itacaiunas), embora não praticassem violências, eram temidos na região pelo fato de serem identificados então como Dióre-Xikrín. Finalmente, os Araras, aldeados no baixo Xingu, depois de vários anos de relações amigáveis com os seringueiros, haviam-se tornado arredios.

Já em convivência pacífica com as populações caboclas, encontravam-se os Gorotíre (Kayapó), estabelecidos à margem direita do rio Fresco (afluente do Xingu) sob jurisdição de um posto do S.P.I. Os Mundurukú, estavam disseminados pelos rios Cururu e Tapajós e assistidos simultaneamente pela Missão Franciscana do rio Cururu e S.P.I. E um grupo Kayabí localizado à margem do rio Teles Pires (formador do Tapajós), também sob controle do S.P.I. Alguns remanescentes Apiaká viviam no Tapajós, mas integrados no meio regional. No médio Iriri, em situação semelhante a dos Apiaká, habitavam vários Xipáya e Kuruáya, os quais, de quando em vez, participavam de expedições punitivas empreendidas por seringalistas contra aldeias Kayapó.

Em face aos conflitos, a situação era considerada como crítica para a economia regional. Principalmente de Altamira, eram dirigidos constantes apêlos às autoridades estaduais e federais, no sentido de serem tomadas medidas capazes de solucionar o problema. Chegou-se até a sugerir a formação de "turmas suicidas" para tentar a atração dos Kayapó, bem como a participação de unidades militares nas expedições. O S.P.I. além de ser mencionado como inoperante em sua ação pacificadora, era apontado indevidamente como fornecedor de armas

de fogo para os Kayapó, através do Posto Indígena Gorotíre. Já no início de 1951, vários seringalistas xinguanos, acompanhados de um deputado federal (Dr. Gabriel Hermes), foram solicitar pessoalmente providências à Presidência da República, pois, segundo suas expressões, a economia da região "estava ameaçada de um colapso total". Em consequência, foi criada por iniciativa do Governo do Pará, uma "comissão de estudos e planejamento do problema índio no Pará", composta dos seguintes membros: Presidente — Darcy Ribeiro, etnólogo do S.P.I.; Relator — Dr. Napoleão Figueiredo, representante do Governo do Pará; Major Edmundo da Costa Neves, representante do Comando da 8.ª Região Militar; Max Boudin, etnólogo do S.P.I., e Telesforo Martins Fontes, chefe da 2.ª Inspeção Regional do S.P.I. (BRASIL. Serv., Índios 1940-70).

Após várias reuniões, a Comissão apresentou, inicialmente, entre outras as seguintes considerações:

O índio que ataca o invasor civilizado o faz em defesa do que ele considera ser seu território e porque está convencido da impossibilidade de um convívio pacífico com o branco. Toda a tradição tribal, toda a experiência pessoal de cada um deles, estão a demonstrar que de nós só podem esperar o pior e nada é mais legítimo que sua defesa. O pioneiro que invade o território indígena em busca da borracha e da castanha, julga-se com direito aos produtos de uma terra que tem por sua própria e, tanto quanto o índio, está cheio de ressentimento, de desconfiança e de ódio. Há porém uma possibilidade de paz desde que sejamos capazes de convencer os índios de que lhe será efetivamente assegurada a posse da terra em que vivem e a liberdade de viverem segundo seus costumes. Os próprios índios não pedem outra coisa, e a prova disto, encontra-se nas reiteradas tentativas que fizeram para pacificar os brancos, surgindo sem armas junto aos acampamentos civilizados, embora o resultado destas temeridades tenha sido quase sempre a destruição da tribo de modo mais ignominioso, acirrando mais ainda as desconfianças e ressentimentos mútuos" (ibid.).

Em seguida, a Comissão formulou as seguintes sugestões: Orientação dos trabalhos de pacificação nos moldes tradicionais do S.P.I. e levados a efeito por turmas integradas por pessoal hábil e experimentado; emprêgo de transporte aéreo, em vista da extensão enorme da área dominada pelos índios; e encaminhamento ao Governo do Pará de um memorial solicitando a concessão, em caráter definitivo, das terras ocupadas pelos índios, depois de caracterizada a delimitação (ibid.).

Em conclusão, considerando que, a despeito de ter sido utilizada, durante o ano (1951), a metade das verbas do S.P.I. nos serviços de atração, foi ela apenas suficiente para iniciar os trabalhos, pediu a consignação no orçamento da Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA), a partir de 1952, de uma dotação anual de dois milhões de cruzeiros (Cr\$ 2.000.000,00), para ser aplicada na execução do mencionado plano (ibid.).

Tendo em vista tais sugestões, a SPVEA houve por bem conceder ao S.P.I. Cr\$ 2.000.000,00, em 1953, Cr\$ 1.000.000,00 em 1954, porém nenhuma dotação liberou em 1955. O Governador do Pará, por sua vez, baseado em um parecer firmado por um engenheiro da Secretaria de Terras do Estado, pelo presidente da Associação Comercial de Altamira, Prefeito de Altamira e Inspetor Regional do S.P.I., dirigiu uma mensagem à Assembléia Legislativa do Estado, solicitando a concessão de uma reserva para os índios Kayapó. Todavia, o ante-projeto foi combatido desde logo pelo relator da matéria (deputado Sílvio Meira) e não chegou à sanção final.

De qualquer modo, os serviços de atração que, sob a direção do Inspetor Martins Fontes, haviam sido intensificados desde 1951, não sofreram solução de continuidade até o início de 1956. Várias turmas volantes operaram então simultaneamente no Tocantins e no Xingu. Os postos da região foram equipados com estações rádio-telegráficas, tendo sido também construídos campos de pouso para aviões em três dessas unidades. (BRASIL. Serv... Índios, 1953:24). Em consequência da ação desenvolvida, os Kubén-Kran-Kegn (Kayapó) foram definitivamente pacificados pelo Inspetor Cícero Cavalcanti, o qual, em maio de 1952, conseguiu penetrar na aldeia da Cachoeira da Fumaça (Riosinho) em companhia dos repórteres do "O Cruzeiro", Arlindo Silva e José Medeiros. Em março de 1953, duas turmas que atuavam no igarapé Trocará e rio Pucuisinho (margem esquerda do Tocantins), estabeleceram quase ao mesmo tempo contatos pacíficos com os Akuawa-Asuriní e Parakanán, sendo a primeira dirigida por Hilmar Kluck e a segunda por Benamour Fontes e Max Boudin. Ain-

da em 1953, Leonardo Villas Boas e Miguel Araujo conseguiram atrair, no Pôsto Las Casas (Araguaia), um dos bandos Dióre-Xikrin; e, no ano seguinte, Hilmar Kluck consolidou essas relações visitando em companhia de vários índios atraídos os demais aldeamentos Xikrin, situados no rio Caeteté (afluente do Itacaiúnas). Em 1954, os irmãos Orlando e Cláudio Villas Boas, conseguiram por sua vez pacificar no alto Xingu os Txukahamã-Metuktíre. E, no início de 1956, um grupo Gavião foi pacificado em Itupiranga (margem direita do Tocantins) por Hilmar Kluck, Frei Gil Gomes e João Mota.

Em face aos resultados obtidos, a Diretoria do S.P.I. encaminhou, entretanto, um outro plano à SPVEA com a finalidade de: a) promover a integração na economia regional das vastas áreas convulsionadas por conflitos entre índios e civilizados; b) consolidar a ocupação das áreas geograficamente marginais, por parte de grupos indígenas nelas fixados, que constituem as únicas concentrações humanas capazes de ali sobreviver; c) exercer uma ação nacionalizadora sobre as populações indígenas fronteiriças, mas ameaçadas de absorção por parte de nações limítrofes. O mencionado plano deveria ser desenvolvido entre 1956 e 1959 através das seguintes programações: 1 — Pacificação das tribos hostis; 2 — Colônias de penetração; 3 — Colônias indígenas de fronteira. (BRASIL. Serv... Índios, 1955:89-90). Acontece que, a despeito de haver sido consignadas no orçamento da SPVEA, referente a 1956, verbas para início de instalação de sete (7) colônias de penetração, somente foram entregues ao S.P.I. aquelas destinadas à reorganização da Fazenda de S. Marcos (Cr\$ 500.000,00) e pacificação de índios hostis (Cr\$ 1.500.000,00). Entre 1957 e 1960, apenas para a última finalidade, foi liberada anualmente, a verba de Cr\$ 1.000.000,00.

Em decorrência dessas dotações os serviços de atração foram reativados, a partir de 1957, sob a supervisão do sertanista Francisco Meirelles, que passara a dirigir a 2.ª Inspeção Regional do S.P.I. Ainda no mesmo ano foram atraídos os Kararaô, aldeados no igarapé do Limão e os Kubén-Kran-notí do igarapé

Bom Futuro, ambos afluentes do rio Curuá (Xingu). Em 1958, os Krokraimoro, que se achavam divididos em dois bandos, foram pacificados e reagrupados pelo Agente Raimundo Pinto de Araujo. Em 1959, uma grande expedição integrada por diversos índios Kayapó e intérpretes *civilizados*, penetrou com pleno êxito na grande aldeia dos Kubén-Kran-noti, situada nas cabeceiras do Iriri. Em 1960, atuando independentemente, conseguiu Frei Gil Gomes consolidar suas relações de amizade com os Suruí-Mudjetire, iniciadas há 7 anos atrás. No início de 1961, um grupo Gavião veio estabelecer-se espontaneamente junto ao Pôsto do S.P.I., situado em frente à cidade de Tucuruí (margem direita do Tocantins). Já em 1965, após obter auxílio do Governo do Pará, a 2.ª Inspeção do S.P.I. através de uma expedição dirigida pelo Agente Osmundo dos Anjos, pacificou o bando Kararaô (Kayapó), aldeado no rio Penetecaua (baixo Xingu). Finalmente, em 1968, o sertanista Antonio Cotrim, conseguiu atrair provavelmente o último dos grupos Gavião ainda arredio, localizado nos limites do Pará com o Maranhão. Assim sendo, dentre os índios conhecidos, ainda ficaram por pacificar na região sul do Pará, os Asuriní do Bacajá (Xingu), os Parakanán (Tocantins), os Kreen-akárore (limites do Pará com o Mato Grosso), os Araras (?), e, possivelmente, um grupo Jurúna (baixo Xingu).

Subseqüentemente, os grupos existentes na região serão apreciados especificamente sobretudo em aspectos relacionados aos seus contatos com as frentes nacionais de penetração e em decorrência da assistência oficial.

Akuawa-Asurini (Tupí) — Igarapé Trocará (afluente margem esquerda Tocantins) — Município de Tucuruí; rio Pacajá — Município de Portel. Aproximaram-se pacificamente, em 1953, de uma turma do S.P.I. após terem sido desalojados de suas aldeias por índios inimigos, possivelmente os Parakanán. Somavam 190 indivíduos, porém, em conseqüência de falecimentos ocasionados por gripe e disenteria, dentro de poucos meses estavam reduzidos a 140. Logo após, parte dos sobreviventes retornou à antiga localização do rio Bacajá de Portel,

permanecendo os restantes sob a jurisdição do Pôsto do S.P.I., instalado no próprio local onde ocorrera a pacificação. Tendo sido abandonados pelo órgão protetor por ocasião de uma enchente ocorrida em 1956, passaram a ser liderados por um marginal de cor preta, o qual, durante dois anos, percorreu com eles cidades e povoações do baixo Tocantins, mendigando e saquando roçados. (Arnaud, 1967 : 61-62). No momento em que foram reconduzidos ao Pôsto estavam reduzidos a 25, mas, em face a um maior índice de nascimentos que de falecimentos, agora totalizam 35.

Tendo perdido a autonomia, vêm sendo dirigidos, diretamente e com assinalada influência, pelos sucessivos encarregados do Pôsto. São aplicados juntamente com os trabalhadores do mesmo em serviço de lavoura, caça, pesca e coleta, cujos excedentes são negociados pela administração.

As terras onde se acham estabelecidos constituem uma antiga propriedade particular, cuja legalização em benefício da comunidade ainda não foi efetuada. Não serão atingidas pela Transamazônica, mas poderão futuramente ser cortadas por um possível prolongamento da rodovia Jatobal-Tucuruí, ora em construção.

Os índios localizados no Pacajá de Portel têm como padrão um pequeno comerciante para o qual fornecem peles de animais silvestres e outros produtos naturais, em troca de sal, açúcar, roupas, espingardas, munição de caça, etc. Há cinco anos passados somavam 20 indivíduos, incluindo 4 elementos do grupo do Trocará que se integraram então em seu meio por motivo de casamento.

As terras que habitam, cujos limites não se encontram definidos, estão situadas distantes da área a ser cortada pela Transamazônica.

Suruí-Mudjetire (Tupí) — Rio Sororosinho, afluente do Sororó (margem direita Itacaiúnas), Marabá. A localização no centro da mata possibilitou-lhes permanecer durante muito tempo escondidos dos Kayapó e das frentes de penetração nacional. As referências mais antigas sobre os mesmos foram

caças em 1927 por Frei Antônio Sala, que os denominou "Sororos — raça ainda não identificada". Em 1947, foram recebidos a tiros, quando tentaram pela primeira vez estabelecer relações com os estores de castanha do lugar Cajueiro (Laraia & Matta, 1967 : 29).

A atração dos Suruí foi iniciada, em 1953, por Frei Gil Gomes, o qual desde então passou a visitá-los periodicamente, mas, somente em 1960, permitiram que ele pernoitasse na aldeia. Acontece que, no mesmo ano, um elemento regional, após captar-lhes a confiança, introduziu em seu meio 25 caçadores, os quais, além de violarem suas mulheres e devastarem as roças, proporcionaram-lhes uma epidemia de gripe que os reduziu de 100 para 40 indivíduos. Todavia, Frei Gil munuiu-se de um mandato do S.P.I. e conseguiu expulsar os intrusos, impedindo daí em diante que fatos semelhantes se repetissem. Hoje essa população é constituída por 44 membros (ibid.: 30-31).

A assistência ao grupo continua sendo ministrada pelo citado missionário, o qual utilizando os próprios índios, construiu junto à aldeia um pequeno campo de pouso para aviões.

A área onde se encontram os Suruí não lhes foi concedida pelo Governo do Pará, a despeito de uma petição nesse sentido dirigida pelo S.P.I. há 9 anos passados. Todavia, vem de ser interdita em caráter provisório pela Presidência da República (dec. 63.357 (de 8.10.968). (BRASIL — Leis... As. indígenas, 1969 : 25). Poderá ser atingida pela Transamazônica ou ramificações.

Gaviões de Oeste (Jê) — Margem direita do Tocantins Mãe Maria (S. João do Araguaia); Ambaua (Tucuruí).

Em época não muito antiga estavam divididos entre oito aldeias, espalhadas desde às proximidades do Tocantins até às cabeceiras do Moju. No entanto, em decorrência de conflitos internos, choques com as frentes de penetração e doenças adquiridas por ocasião dos contactos externos, sobreviveram apenas os três grupos atualmente assistidos pela Fundação Nacional do Índio.

O primeiro grupo, por ocasião dos primeiros contactos com os caboclos de Itupiranga (1956), somava 84 indivíduos. Todavia, dentro de poucos meses, havia diminuído para 62 em virtude de insuficiência alimentar e epidemias, sendo que, antes de findar o ano, estava reduzido a 37. Em seguida, internou-se novamente na mata e foi estabelecer-se no lugar Praia Alta, distante 7 léguas da margem do Tocantins. Neste ponto, permaneceu vários anos pressionado por arrendatários de castanhais, principalmente porque, as terras que ocupava, não foram delimitadas. (Arnaud, 1964 : 8-9). Em 1966, o S.P.I. houve por bem removê-lo para a gleba Mãe Maria, onde ainda se acha estabelecido. Nos dias atuais soma o grupo 35 pessoas, dentre as quais encontram-se 2 índios Xikrín do Caeteté.

O segundo grupo, depois de sucessivas visitas ao Pôsto do Ambaua, acabou por estabelecer-se junto ao mesmo, no início de 1961. Todavia, quando isso ocorreu, sua população havia diminuído de 70 para 31 pessoas, em virtude de baixas sofridas por doenças contraídas durante os contactos anteriores. Presentemente, possui apenas 15 componentes.

O terceiro grupo, no momento em que foi atraído, em 1968, encontrava-se pressionado por frentes agropecuárias compostas, na maioria, por elementos de procedência nordestina. A fim de evitar choques, foi a área interdita através do Decreto n.º 63.515, de 31.10.968, da Presidência da República. (BRASIL. Leis... As. indígenas, 1969 : 29), porém, havendo os colonos persistindo nas intrusões, reagiram os índios com violência e mataram três invasores. Entre estes houve então um pânico generalizado, que provocou a evacuação de, aproximadamente, 600 famílias para o acampamento do Departamento de Estrada de Rodagem (DER), situado na estrada PA-70. Logo depois, vários elementos da cidade de Imperatriz, encabeçados por uma autoridade local, teriam planejado empreender uma expedição punitiva contra o grupo, porém a FUNAI interviu assim que a notícia foi propagada. No entanto, a despeito da interdição da área, considerando-se que a permanência do grupo em seu interior provavelmente iria provocar novos atritos, houve por bem o Órgão protetor transferi-lo para a gleba Mãe

Maria. Sua população no momento em que ocorreu a atração era de 54 pessoas, mas agora está reduzida a 45 em virtude de falecimentos causados por gripe e malária.

Os dois primeiros grupos, a fim de satisfazer as novas necessidades adquiridas, desde quando pacificados começaram a vender para o comércio e população regional, castanha, carnes e peles de animais silvestres, outros produtos naturais e excedentes de lavoura, diretamente ou sob fiscalização de funcionários do S.P.I. Nos dias atuais, sua produção de castanha é negociada totalmente com a FUNAI, sendo-lhes dada uma relativa liberdade quanto à venda dos demais produtos. O grupo recentemente atraído, está sendo encaminhado para idêntica situação.

A reserva ocupada pelo grupo do Ambaua (Dec. 252, de 9.3.945, do Governo do Pará), não será afetada por qualquer rodovia em construção ou projetada. Todavia, a propriedade Mãe Maria (Dec. 4.503, de 28.13.943), onde estão localizados os dois outros grupos, situa-se em uma região cortada pela rodovia PA-70, que liga Marabá à estrada Beiem-Brasília, onde ocorre uma grande expansão colonizadora agro-pecuária. Já estava sendo grilada quando o grupo da Praia Alta nela foi instalado, sendo que, pelo fato dos invasores não terem obedecido um mandato judicial, os próprios índios tomaram a iniciativa de expulsá-los.

Dióre-Xikrin (Kayapó) (Jê) — Rio Caeteté (afluente do Itacaúnas), Marabá; Rio Bacajá (afluente Xingu), Senador José Porfírio — Após a pacificação, (1953-1954) alguns índios permaneceram no Pôsto Las Casas (Araguaia) e foram, subsequentemente, integrar-se entre os Gorotire, havendo os demais retornados ao Caeteté. No entanto, logo depois, em virtude de um conflito interno, parte do grupo foi estabelecer-se no rio Bacajá.

Em 1962, os índios do Caeteté, totalizando 164, estavam reunidos em uma única aldeia, mas, no ano seguinte, elementos da geração mais jovem resolveram localizar-se na foz do rio, a fim de participar do sistema econômico regional como

coletores de castanha. Em face, porém, ao intenso trânsito de castanheiros *civilizados* pelo rio, a aldeia acabou transformando-se em uma espécie de pousada para os mesmos. Em decorrência disso, contraíram os índios doenças venéreas, gripe, dermatoses, etc., havendo um mal não identificado provocado 12 falecimentos entre eles e mais 6 entre os do grupo do centro (Frikel, 1963: 153-54). A situação perdurou até 1966 quando, o missionário dominicano Frei Raymond Caron, conseguiu reunir novamente toda a comunidade na antiga aldeia.

De acordo com notícias divulgadas a respeito, desde então o estado sanitário dos índios começou a melhorar. A alimentação tornou-se farta pois eles passaram a fazer extensos roçados, aplicando-se ao mesmo tempo na produção de castanha e peles silvestres para custeio de equipamentos, mercadorias diversas, transportes, etc. Sob a orientação de Frei Caron construíram um campo de pouso para aviões, medindo 550 m. Em 1967, a população da aldeia estava reduzida a 94 pessoas, porém, em 1969, já havia aumentado para 110 (Caron, s.d.).

Os índios do Bacajá, somando 48, encontram-se sob a jurisdição de um Pôsto da FUNAI. Há pouco tempo, não quiseram receber alguns emissários do grupo do Caeteté que tentavam uma reconciliação e o conseqüente retorno dos dissidentes para a antiga aldeia.

Nenhum dos grupos possui terras devidamente delimitadas, mas, em 1969, o Ministério do Interior encaminhou à Presidência da República um ante-projeto referente à concessão de uma reserva para o grupo do Caeteté (BRASIL. Leis... As. indígenas, 1969: 39). Ambas as áreas (Caeteté e Bacajá) poderão ser atingidas pela Transamazônica ou ramificações.

Gorotire (Kayapó) (Jê) — Nôvo Horizonte, rio (Xingu), S. Felix do Xingu — Quando se aproximaram pacificamente dos habitantes de Nova Olinda, em 1937, somavam cerca de 800, segundo os relatórios da época. Todavia, na ocasião em que foram removidos pelo Inspetor Cícero Cavalcanti, em 1947

do antigo Pôsto de Sobreiro para Nôvo Horizonte, estavam reduzidos a 89. Foi-lhes, porém, altamente benéfica a mudança de um local reputado como insalubre, onde tinham relações constantes com seringueiros e castanheiros, para o antigo ambiente de natureza compestre, onde passaram a ter contatos apenas com servidores do S.P.I. e alguns viajantes. Desde então começaram a recuperar-se e, em 1962, já somavam 200, embora quase a metade da aldeia fosse formada por elementos Kubén-Kran-Kegn, Kubén-Kran-notí e Xikrín, que espontaneamente haviam-se reintegrado ao tronco original. Nos dias atuais, graças ao crescimento vegetativo da população e ao retorno de outros indivíduos daqueles grupos, somam 420 (BRASIL. Serv. . . Índios, 1940-70).

Os Gorotíre são assistidos não só pelo Pôsto Indígena como pela Missão Católica da Prelazia do Xingu (Mons. Antônio Lukesch e Pe. Carlos Lukesch) e Missão Cristã Evangélica do Brasil. Possui o Pôsto um campo para aviões tipo DC-3 e uma estação de radiofonia.

Por influência do órgão protetor, desde cedo começaram os índios a dedicar-se à extração de castanha, caucho (hoje sem cotação), cumaru e peles de animais silvestres, para fins comerciais. Suas transações, salvo por exceção, sempre foram realizadas com o Pôsto, individualmente ou através dos chefes das *metades* que constituem o grupo. Presentemente, vários homens têm trabalhado, como assalariados, nas pesquisas de minérios que está procesando na área o Governo do Pará. Têm entrado também em choque com caçadores de felinos que costumam embrenhar-se pelos seus domínios, havendo de uma feita matado 3 invasores.

As terras que habitam lhes foram concedidas, em 1945, pelo Governo do Pará (Dec. 304, de 21.3). Em 1961, foi estabelecida em tôrno delas a Reserva Florestal Gorotíre (Dec. Presidencial n.º 51.029, de 25.7), a qual, de acôrdo com o disposto no art. 5.º do Dec. Presidencial 62.998, de 16.7.968, passou a ser considerada integralmente uma Reserva Indígena. No entanto, em 1969, foi submetido pelo Ministério do Interior à Presidência um ante-projeto mantendo a Reserva Florestal e

concedendo em seu interior uma de menores proporções para a "tribo indígena dos Kayapós" (BRASIL. Leis. . . As. indígenas, 1969: 16-40). Não será a área cortada pela Transamazônica ou pela Cuiabá-Santarém, porém, caso as pesquisas geológicas em andamento alcancem resultados positivos, é provável que sejam no futuro intensamente exploradas.

Kubén-Kran-Kegn (Kayapó) (Jê) — Cachoeira da Fumaça. Riosinho (afluente rio Fresco), S. Felix do Xingu — Após a cisão com os Gorotíre, em 1937, permaneceram na própria aldeia situada em um ponto quase inacessível, via fluvial, durante a maior parte do ano. Depois de pacificados, em 1952, tanto como os Gorotíre, vêm mantendo contatos somente com os servidores do Pôsto que os jurisdiciona, missionários e ocasionais visitantes. Em face ao exposto não chegaram a sofrer sensível redução populacional e puderam conservar suas tradições tribais. No entanto, dos 500 que somavam, aproximadamente, por ocasião daquela separação, estão hoje reduzidos à metade, devido outra cisão (1940) que ocasionou a formação do bando Kokraimôro, bem como de subseqüentes retornos de elementos para a aldeia Gorotíre.

Assim como os Gorotíre, são os Kubén-Kran-Kegn assistidos pela FUNAI, Missão Católica da Prelazia do Xingu e Missão Cristã Evangélica do Brasil. O Pôsto possui um campo de pouso para aviões do tipo DC-3 e está equipado com uma estação de radiofonia.

No que respeita a produção de excedentes econômicos, encontram-se em situação idêntica a dos Gorotíre. Porém torna-se oportuno registrar que, há cêrca de 20 anos, sofreram uma séria crise alimentar porque deixaram de abrir roçados para dedicar-se à extração de castanha e caucho. A Diretoria do S.P.I., então, a fim de minorar a crise, viu-se compelida a enviar para a aldeia suprimentos alimentares, via aérea.

Acham-se os Kubén-Kran-Kegn habitando as mesmas terras que os Gorotíre.

Kokraimôro (Kayapó) (Jê) — Serra Encontrada (margem direita Xingu). S. Felix do Xingu — Assim que se separaram dos Kubén-Kran-Kegn rumaram para o Oeste, indo estabelecer-se no médio Xingu onde continuaram empenhados em lutas com seringueiros, principalmente, a partir de 1944, quando 9 de seus membros foram massacrados pelo seringalista Inácio Antônio da Silva. Em seguida, cindiram-se em dois bandos, um dos quais foi habitar no rio Iriri.

Logo depois de terem sido pacificados e reagrupados (1957), foram localizados em uma ilha alagadiça situada nas proximidades da Serra Encontrada, a qual tornou-se ponto de reunião de seringueiros. Aí ainda permaneciam no ano seguinte em péssimas condições de saúde, sem roças e com falta de equipamento para caça e pesca, sendo que, conforme informações de servidores do S.P.I., sua população teria sido reduzida quase à metade (Moreira Neto, 1959 : 52). Todavia, tendo sido em seguida transferidos para uma área de terra firme, onde os contatos com seringueiros passaram a ser pouco freqüentes, começaram a recuperar-se. Até pouco tempo eram 143, mas, tendo retornado 30 à aldeia Kubén-Kran-Kegn, agora totalizam 104 indivíduos.

Os Kokraimôro são jurisdicionados por um Pôsto da FUNAI, mas também recebem assistência da Missão Cristã Evangélica do Brasil e Missão Católica da Prelazia do Xingu. Existe no Pôsto um pequeno campo de pouso para aviões e uma estação de radiofonia. No que respeita à produção de excedentes econômicos sua situação é idêntica a dos Gorotíre e Kubén-kran-Kegn.

A gleba que ocupam acha-se entre aquelas requeridas pelo S.P.I. mas não concedidas pelo Governo do Pará. Não será cortada pela Transamazônica ou Cuiabá-Santarém, mas situa-se na faixa destinada à exploração de minérios.

Kubén-kran-notí (Kayapó) (Jê) — Entre os rios Iriri e Xingu, Altamira — O primeiro dos bandos Kubén-Kran-notí com 150 indivíduos, logo após a pacificação (1957) foi reunido a um outro bando composto de 38 Kararaô, cuja atração havia ocor-

rido alguns meses antes. O novo grupo, logo em seguida, foi transferido pelo S.P.I. para um ponto mais acessível à navegação, situado às proximidades de colocações de seringueiros. Tal medida, tomada com o escopo de introduzi-lo no sistema econômico regional, deu margem a que se repetisse com êle as calamidades ocorridas com outros grupos Kayapó. Sujeito logo ao contágio por doenças epidêmicas e mal alimentado, foi atingido por um forte surto de gripe que lhe causou 50 falecimentos (ibid.: 53). Subseqüentemente, foi removido para a foz do igarapé Baú, situado mais acima, porém, decorridos mais alguns anos, uma nova epidemia vitimou 44 de seus componentes. Por fim, em meados de 1939, tendo o sarampo dizimado mais outros 40, restaram apenas 10 indivíduos.

O segundo é mais numeroso dos bandos Kubén-Kran-notí, cuja população foi avaliada entre 600 e 700 indivíduos (provavelmente com muito exagero), deveria ser deslocado logo depois da pacificação para um Pôsto fundado às margens do rio Pititíá (afluente do Curuá), muito abaixo de sua antiga aldeia. Tal coisa, entretanto, não chegou a concretizar-se, porque a 2.ª Inspeção Regional do S.P.I. não cumpriu o acôrdo firmado então com o chefe do grupo, enviando-lhe um abastecimento dentro de determinado prazo. Assim sendo, pôde conservar-se no próprio ambiente até bem pouco tempo, quando foi outra vez localizado pela FUNAI.

Desde aquela fase, as informações sobre o grupo tornaram-se precárias, não se sabendo ao certo qual seria sua verdadeira população e se sofreu baixas sensíveis, sendo que, nos dias atuais, compõe-se de, aproximadamente, 250 indivíduos. Está sendo assistido conjuntamente pela FUNAI e Missão Cristã Evangélica do Brasil. Junto à aldeia existe um pequeno campo de pouso para aviões e uma estação de radiofonia.

Em face à sua localização no centro da mata em um ponto distante de cursos d'água navegáveis, não foram os componentes do grupo engajados na extração de castanha, mas atuam como fornecedores de peles de animais silvestres. Recentemente foram apontados como autores da morte de 7 gateiros.

O grupo não possui terras delimitadas, embora o S.P.I. tenha enviado uma petição nesse sentido ao Governo do Pará, por volta de 1960. O local onde agora se encontra não deve estar muito distante da estrada Cuiabá-Santarém.

Kararaô (Kayapó) (Jê) — Igarapé Penetecaua (afluente Jaracú), baixo Xingu, Porto de Moz — Este bando permaneceu isolado até quase o fim da década de 1930, quando vários de seus componentes resolveram transpor o Xingu para estabelecer relações amigáveis com habitantes de Porto de Moz, cujo Prefeito, em conexão com o S.P.I., tentou fixá-los nas proximidades da cidade. O resultado foi desastroso, pois, a maior parte deles, morreu em consequência de enfermidades adquiridas. A seguir, 12 sobreviventes foram atraídos com engodos no porto de Vitória (Altamira), por seringalistas e elementos que trabalhavam na construção de uma rodovia, sendo espingardeados enquanto dormiam em um barracão (Nimuendajú, 1952 : 431-34). Salvou-se apenas um deles (Unkuá), o qual, depois de longa caminhada, conseguiu alcançar a aldeia Gorotire, então situada no lugar Sobreiro (rio Fresco).

O restante do grupo retraiu-se novamente para o centro da mata, embora de quando em vez realizasse incursões contra barracões de seringueiros. No momento em que foi pacificado somava 48 pessoas, porém, 30 dias após o acontecimento, o S.P.I. deliberou transferi-lo da antiga aldeia, onde havia extensos roçados para a confluência do rio Jaracú com o Penetecaua, a fim de engajar os homens na produção de castanha para fins lucrativos. Acontece que, além da carência alimentar sofrida, foi o grupo desde então atingido por sucessivos surtos epidêmicos, a ponto de agora estar praticamente extinto, pois seus 8 últimos remanescentes foram distribuídos entre as aldeias Xikrin do Caeteté e do Bacajá. Todavia, é provável ainda existir um outro bando Kararaô arredio, na região a ser cruzada pela Transamazônica, no trecho compreendido entre Altamira e Itaituba.

Mundurukú (Tupi Impuro?) — Rios Cururu e Tapajós, Itaituba — Nos tempos históricos dominavam um vasto território (Mundurucânia) limitado a leste pelo Tapajós, a oeste pelo Madeira, ao norte pelo Amazonas e ao sul pelo Juruena. Eram considerados como os índios mais aguerridos da região, onde se tornaram mais conhecidos como "caçadores de cabeça" (Murphy, 1960 : 8).

Pelo fim do século XVIII, começaram a tornar-se amigos dos brancos, mas continuaram hostilizando outros grupos indígenas, até 1914, inclusive como mercenários dos colonizadores. Em meados do século XIX, já mantinham relações comerciais com regatões, trocando borracha, salsa, copaíba, castanha, guaraná, cravo, breu, etc., por diversas mercadorias (ibid.: 48).

Em 1911, a Diocese Franciscana de Santarém, fundou uma Missão no rio Cururu, a qual, desde então, começou a exercer ação catequista sobre os Mundurukú. Por volta de 1920, passou a Missão também a atuar em plano econômico, controlando parte da produção indígena de borracha, que transacionava, em seguida, com a empresa, José, Antunes & Cia., a qual, monopolizava quase por completo o comércio do mencionado gênero na região do Tapajós. A partir de 1942, tendo o S.P.I. instalado um Posto no rio Cururu, principalmente com a finalidade de neutralizar o exercício desse monopólio sobre os gêneros indígenas, estabeleceu-se, entre o Posto de um lado e a Missão com a empresa de outro, uma competição comercial que, às vezes, degenerava em conflito. Tal estado de coisas perdurou até 1957, quando, o funcionário que dirigia o Posto (Inspetor João Batista Chuvas), foi transferido para outra região. Daí em diante, a unidade governamental foi decaindo até tornar-se inoperante, ao mesmo tempo que os missionários assumiam o controle completo dos Mundurukú situados no rio Cururu. Nos últimos tempos, em vista da baixa cotação da borracha, muitos índios têm se desviado para trabalhar em outras atividades mais lucrativas, como caçadores de felinos e na extração do ouro.

Em 1819, talvez exageradamente, Martius avaliou a população Mundurukú entre 16.000 a 20.000 indivíduos; e, em 1875,

Tecunho ainda registrou a existência de 10.910 (ibid.: 7). Porém, "nos dias atuais", os remanescentes somam apenas 1.250 (ibid.). A crermos em informações pessoais mais recentes essa população deve estar oscilando entre 1.800 e 2.000.

A área que habitam encontra-se em situação idêntica a dos Gorotire. Inicialmente, foi concedida pelo Governo do Pará através o Dec. n.º 305, de 21/3/1945. Ampliada em seus limites passou a constituir a Reserva Florestal Mundurucânia, pelo Dec. n.º 51.030, de 25/7/1961, da Presidência da República, sobre o qual veio também incidir o art. 5.º do Dec. Presidencial n.º 62.998, de 16/7/68. Todavia, em 1968, foi sugerida pelo Ministério do Interior a manutenção da Reserva Florestal, sem prejuízo da concessão em seu interior de uma outra de menores proporções para "a tribo indígena dos Mundurucus" (BRASIL. Leis... As. Indígenas, 1969: 17-39-40). A Reserva situa-se distante da Transamazônica, provavelmente não será cortada pela Cuiabá-Santarém, mas poderão ocorrer explorações de minérios em seu interior.

Kayabí (Tupí) — Rio Teles Pires (alto Tapajós), limites do Pará com o Mato Grosso — Os Kayabí relacionados à presente exposição foram atraídos pelo S.P.I., no início de 1941, através de um Pôsto instalado à margem direita do Teles Pires, cêrca de 100 Km distante de sua confluência com o Tapajós. Por essa época haviam êles matado 7 habitantes regionais (homens e mulheres) e raptado 3 crianças, em represália a esbulhos e violências sofridas no decorrer de contatos com barracões de seringueiros, onde lhes tomavam até as mulheres (BRASIL. Serv... Índios, 1940-70). A situação normalizou-se após a fundação do Pôsto, o qual, além de por têrmo àquêles contatos, passou a controlar totalmente a produção de borracha indígena. Há mais ou menos 8 anos passados compunha-se o grupo de 60 indivíduos, dos quais apenas 10 residiam permanentemente no Pôsto, o qual, aliás, encontra-se há vários anos com as atividades praticamente paralisadas.

No território paraense os Kayabí possuem uma reserva de terras concedida pelo Governo do Estado (Dec. n.º 251, de 9.3.1945), que provavelmente não será cortada pela Cuiabá-Santarém.

Asurini (Tupí?) — Entre igarapé Ipixuna e rio Bacajá (afluentes Xingu), Senador José Porfirio — Sem mais afinidades com os índios de igual denominação, localizados no Trocará (Tocantins) e Pacajá de Portel, começaram a ser notados desde fins do século passado na região onde habitam, empenhados de quando em vez em choques com seringueiros e índios Kayapó.

Todavia, a partir de fins de 1967, turmas de gateiros vêm estabelecendo contatos pacíficos no igarapé Ipixuna, com índios presumidamente Asurini, os quais lhes têm dado livre acesso aos seus domínios em troca de machados, facas, fósforos, etc. Por sua vez, em junho de 1970, o artista australiano Davir Willes por ocasião de um *survey* que estava realizando com o professor Robin Solly (Summer Institute of Linguistics), tendo penetrado mais profundamente na mata também estabeleceu contato com 13 dêsses índios. Conseguiu fotografá-los e permutar algumas mercadorias que conduzia por flechas, peças de madeira e de ôsso, um pequeno cesto e um pouco de farinha. Ao mesmo tempo obteve uma lista de 24 palavras, possivelmente Tupí (Solly, 1970). Uma turma da FUNAI, dirigida pelo sertanista Antônio Cotrim, estabeleceu por sua vez contatos amistosos com 8 índios, talvez do mesmo grupo. Os homens eram de baixa estatura, tez clara, cabelos cortados horizontalmente à altura das orelhas, cujos lóbulos estavam perfurados. Portavam arcos de seção plana medindo entre 1,60 e 1,65 m, e tinham braçadeiras e argolas nas pernas. As mulheres usavam uma tanga tingida de urucu. Em uma das aldeias abandonadas existiam em disposição irregular, 11 casas de "forma ovoide" com cobertura de palha atingindo o solo, consideradas capazes de abrigar de 80 a 120 indivíduos. Foram encontradas grandes roças, sem separação visível, plantadas com mandioca (4 tipos), milho (3 tipos), banana (4 tipos), pi-

menta (2 tipos), amendoim, algodão, abóbora, tabaco e urucu. Mais os seguintes "elementos materiais" foram identificados: rês de algodão, cestos de diversos tipos, adornos para cabeça e utensílios de cerâmica — potes, panelas e fornos para farinha de diversos tamanhos (Rondon, 1970).

A região onde se encontram situados os Asuriní, poderá ser atingida pela Transamazônica, no percurso entre Jatobal e Altamira.

Araras (?) — Igarapé Penetecaua ou rio Jarauçu (baixo Xingu), Pôrto de Moz — A partir de meados do século passado, começaram a aparecer no baixo Xingu e médio Tocantins (Araras do Oeste). Subseqüentemente, empenharam-se em conflitos com os Jurúna, Xipaya, Kayapó, Parakanán e seringueiros. No entanto, em várias ocasiões tiveram relações amigáveis com os últimos, os quais, em 1910 ou (1911), os empregaram em uma expedição punitiva contra os Asuriní (Nimuendajú, 1948 : 223-24).

Recentemente, uma turma da FUNAI que está operando na região, estabeleceu contatos visuais com índios talvez pertencentes ao referido grupo, os quais foram mencionados como de elevada estatura, tez escura, cabelos longos, "abóbada do crânio inteiramente raspada", sem perfurações no corpo e tendo como cobre-sexo "uma tanga". Avistou a turma uma aldeia abandonada com 5 casas "ovoides", com cobertura de duas águas de palha de babaçu, medindo 13 x 6 m, onde haviam arcos, flechas, utensílios de cerâmica e rês de algodão, de trama espaçada. Também foram encontradas roças plantadas com mandioca (3 tipos), milho, batata, algodão, mamão, banana, abacaxi e pimenta (Rondon, 1970).

As terras onde se acham estabelecidos os Araras poderão ser atingidas pela Transamazônica no trecho compreendido entre Altamira e Itaituba.

Parakanán (Tupí) — Igarapé Lontra (?), margem esquerda Tocantins (região Estrada de Ferro), Tucuruí — Assim foram denominados pelos Arara-Parirí, os quais, em 1910, expul-

saram do antigo território situado no rio Iruaná (afluente do Pacajá de Portel). Após 1920, passaram a realizar pilhagens ao longo da Estrada mencionada e, a partir de 1927, no Pôrto do S.P.I. instalado no cruzamento do Km 67 com o rio Pucuruí, em bandos compostos por 40, 50, 60 e até 100 homens. Pelo que se sabe nunca fizeram vítimas, talvez porque sempre conseguiram satisfazer seus intentos e também por incursionarem geralmente na época do estio (fora da safra da castanha), e em um trecho fracamente povoado (Arnaud, 1967 : 58-59). Porém, nos últimos tempos, vêm empenhando-se em choque com gaiteiros, havendo matado dois desses caçadores, em junho de 1970, no lugar Cajazeiro (Itupiranga).

Os contatos entre os Parakanán e o Pôrto do S.P.I. podem ser divididos em dois períodos distintos. O primeiro, iniciado em 1927, estendeu-se até 1938, data em que teriam sido eles vítimas de uma epidemia de sarampo que então grassava pela região (ibid.). O segundo, verificou-se entre os anos de 1953 e 1965, quando novamente deixaram de visitar o Pôrto por motivos ignorados. Tais relações, no entanto, acabam de ser restabelecidas através de uma turma da FUNAI, ora operando em uma área distante cerca de 70 Km da orla da Estrada de Ferro (Km 106). Por ocasião das penetrações realizadas pela turma foram avistados 4 acampamentos indígenas abandonados contendo 31, 48, 25 e 52 tapiris, respectivamente, existindo, em 2, pequenos roçados com mandioca, batata doce, cará e algodão. Também foram coletados vários objetos de cerâmica, fusos, cestos e rês de algodão e envira de trama espaçada. Em um outro ponto, havia uma grande maloca medindo cerca de 30 x 30 m, recentemente construída, sem indícios de ter sido habitada (BRASIL. Serv. . . Índios, 1940-70). De acôrdo com o número e dimensões daqueles tapiris, elementos da expedição avaliaram a população do grupo como variando de 250 para 300 indivíduos. Os contatos continuam ocorrendo em tôrno do acampamento da FUNAI, sendo que, de acôrdo com informações havidas a respeito, os índios ainda não se mostram dispostos a permitir acesso à sua aldeia. Todavia, se os trabalhos de atração prosseguirem com eficiên-

cia e não sofreram solução de continuidade, é provável que, dentro em breve, após longos anos de obstinado retraimento, os Parakanán estejam definitivamente pacificados.

Em vista do Pôsto Tucuruí encontrar-se instalado a título precário em terras pertencentes à Estrada de Ferro, o S.P.I. requereu, em 1960, uma outra área para os Parakanán, envolvendo parte dos rios Pucuruí e Pucuisinho. Acontece que, de igual forma como em outras oportunidades, o requerimento não foi atendido pelo Governo do Pará. Presentemente, acham-se eles habitando um território que poderá ser cortado pela Transamazônica no percurso entre Jatobá e Altamira.

Kreen-akárore (?) — Rio Peixoto de Azevedo (afluente Teles Pires), Mato Grosso — Índios mencionados como de elevada estatura, que possivelmente foram os autores da morte do explorador inglês Richard Mason, ocorrida em 1958. Na época do estio costumam incursionar até à serra do Cachimbo, sendo que, em 1967, aproximaram-se bastante da base da FAB, aí estabelecida, provocando pânico entre os componentes da mesma, embora não parecessem estar imbuídos de intuítos belicosos. Logo depois, o sertanista Francisco Meireles realizou uma penetração com intuito de estabelecer contatos com o grupo, porém, cêdo os trabalhos foram interrompidos por falta de recursos. A partir de 1968, as penetrações passaram a ser efetuadas pelos irmãos Orlando e Cláudio Villas Boas que, até o momento, ainda não alcançaram resultados positivos. Os Kreen-akárore talvez não se encontrem situados muito distantes da estrada Cuiabá-Santarém.

Jurúna (?) — baixo Xingu, Pôrto de Moz ou Altamira — Últimamente circularam com certa insistência, notícias sobre a presença na região, onde costumam incursionar os índios conhecidos como Araras, de um pequeno bando arredio Jurúna, talvez há longos anos apartado do grupo-local hoje localizado no Pôsto Diauarum (Parque Indígena do Xingu) (Oliveira, 1968 : 1). Tais notícias, porém, registramos aqui com a devida reserva, dado que ainda carecem de confirmação.

Em conclusão ao que acaba de ser exposto, julgamos oportuno apresentar as seguintes considerações :

1 — Em um tempo relativamente curto de ação contínua, conseguiu o S.P.I. pacificar um número bem significativo de grupos indígenas, mediante o emprêgo de seus métodos tradicionais de persuassão. Todavia, em grande parte pôde assim proceder, graças às verbas extraordinárias que lhe foram concedidas pelo Órgão incumbido de promover o desenvolvimento da economia regional (SPVEA);

2 — Não se houve bem o S.P.I. em seu trabalho subsequente junto aos grupos pacificados, pois, eles sofreram acentuadas baixas populacionais ocasionadas por epidemias e carência alimentar. Em vários casos, isso ocorreu devido à aplicação de uma inadequada ação indigenista, mas deve-se considerar que, os recursos solicitados à SPVEA para aplicar em programações assistenciais, nunca lhe foram concedidos;

3 — Após 1950, não conseguiu o S.P.I. obter do Governo do Pará, a concessão de nenhuma das áreas habitadas pelos indígenas desde então pacificados, a despeito das sucessivas diligências que efetuou a respeito. Em consequência, continuaram tais áreas a ser freqüentemente invadidas por frentes extrativas;

4 — Os grupos mantidos após a pacificação no próprio ambiente, bem como os que puderam ao mesmo retornar, vêm de modo geral aumentando gradativamente seus contingentes populacionais. Em contraposição, a maioria dos que foram removidos das antigas aldeias e mantidos em contato permanente com segmentos da sociedade nacional, além de estarem sendo descaracterizados na cultura e organização social, caminham para a extinção;

5 — As situações apreciadas poderão repetir-se com os grupos existentes nas regiões a serem atingidas pelas rodovias Transamazônica e Cuiabá-Santarém. A não ser que sejam tomadas medidas não só para evitar choques entre eles e as novas frentes de penetração, como também de caráter médico-sanitário e de garantia definitiva das áreas de terras que habitam ou venham habitar.

SUMMARY

This paper focuses the action of the Serviço de Proteção aos Índios of Brazil (nowadays Fundação Nacional do Índio), among indians located in the south region of the State of Pará (basin of Tocantins, Xingu and Tapajós rivers), in the period 1940-1970.

Primarily, details are presented about the pacification of the indians groups that were fighting against Brazilian rubber and nuts gathers. Subsequently, the situation of the groups that still inhabit that region is appreciated, above all their contacts with Brazilians people and Serviço de Proteção aos Índios Posts.

In conclusion certain observations are made concerning the efficient peacemaking work of the above — mentioned department in contrast with their weak assistencial action. Also warnings are give about the situation of the indians located along Transamazônica and Cuiabá-Santarém roads, opposite to the new Brazilian pioneer fronts that shortly will arrive in the region.

BIBLIOGRAFIA CITADA

ARNAUD, EXPÉDITO

1964 — Notícia sobre os índios Gaviões do Oeste — Rio Tocantins. Pará. *Bol. Mus. Pa. Emílio Goeldi*, Belém, n. sér. Antrop., 20, 35 p., il., 5 est., mapa, fot.

1967 — Grupos Tupi do Tocantins. In: SIMPÓSIO SÓBRE A BIOTA AMAZÔNICA, Belém, 1966. Atas... H. Lent. ed. Rio de Janeiro, CNPq, 1967. v. 2: Antropologia, p. 57-68.

BRASIL. Leis, decretos, etc. Assuntos indígenas

[1909] — *Fundação Nacional do Índio*. [s. i.] 40 p.

BRASIL. Serviço de Proteção aos Índios

[1940-70] — "Documentos do Arquivo da 2ª Inspeção Regional do S.P.I.". Belém. [Inédito].

1953 — *Relatório das atividades do Serviço de Proteção aos Índios durante o ano de 1953*: Rio de Janeiro. 127 p., il., est.

1955 — *Relatório das atividades do Serviço de Proteção aos Índios durante o ano de 1954*. Mário F. Simões, ed. Rio de Janeiro. viii + 207 p., il.

CARON, RAYMOND

[s. d.] — "Os índios Xikrin do Caceté". [Inédito].

FRIKEL, PROTÁSIO

1965 — A situação atual dos Xikrin do rio Caceté. *Rev. Mus. Paul.* São Paulo, n. sér., 14: 145-158.

LARAIA, ROQUE DE BARROS & MATTIA, ROBERTO DA

1967 — *Índios e castanheiros*. São Paulo. Difusão Européia do Livro. 146 p., il., mapa. (Corpo e alma do Brasil, 21).

MOREIRA NETO, CARLOS DE ARAÚJO

1959 — Relatório sobre a situação atual dos índios Kayapó. [Separata *Rev. Antropol.*, São Paulo, 7 (1-2): 49-64].

MURPHY, ROBERT F.

1960 — *Headhunter's Heritage: social and economic change among the Mtundurucú Indians*. Berkeley and Los Angeles, University of California. 202 p., mapas.

NIMUENDAJÜ, CURT

1948 — "Tribes of the lower and middle Xingú river". In: *HANDBOOK of South American Indians*. *Bull. Bur. Amer. Ethnol.*, Washington, 143 (3): 213-43.

1952 — Os Gorotire. Relatório apresentado ao Serviço de Proteção aos Índios, em 18 de abril de 1940. *Rev. Mus. Paulista*, São Paulo, n. sér., 6: 427-53.

OLIVEIRA, ADÉLIA ENGRÁCIA DE

1968 — Os índios Juruna e sua cultura nos dias atuais. *Bol. Mus. Pa. Emílio Goeldi*. Belém, n. sér., Antropol., 35. 25 p., 3 est., fot.

RONDON, PEDRO DA SILVA

1970 — *Relatório de atividades gerais das frentes de penetração; 1ª fase set./nov.* Altamira [s. d.] 10 p. [mimeografado]. [Inédito].

SOLLY, ROBIN

1970 — "The Xingú Asurini-report of a survey conduct during June-July, 1970". [Inédito].

ENTREGUE PARA PUBLICAÇÃO EM 14/6/71